

# Sociologia na América Latina: trajetórias institucionais, circulação de ideias e desafios contemporâneos

**Amurabi Oliveira<sup>1</sup>**

**Juan Pedro Blois<sup>2</sup>**

O estudo da trajetória e do desenvolvimento da sociologia na América Latina constitui hoje um campo consolidado (Blois & Centeno, 2023; Maia & Pereyra, 2024), que reúne um número expressivo de pesquisadores/(as) distribuídos(as) pela região. O crescimento institucional da disciplina, de especial gravitação em alguns contextos nacionais, esteve marcado pelo aumento do número de profissionais e pela consequente divisão do trabalho, o que tornou a história da disciplina — e até a “sociologia da sociologia” — uma especialização possível. Consequentemente, um conjunto variado de estudos tem iluminado diferentes dimensões do desenvolvimento da disciplina, seja com um olhar histórico, seja com foco no presente. Ao mesmo tempo em que esses esforços contribuíram para renovar a forma como os(as) sociólogos(as) concebem o percurso da sociologia, deram também continuidade aos estudos pioneiros sobre a trajetória da disciplina na América Latina — comuns entre as primeiras gerações de sociólogos(as) (Azevedo, 1950; Germani, 1964; Diégues Júnior e Woods, 1965; Ianni, 1976; Poviña, 1959) —; adotando, não obstante, um tom

1 Professor da Universidade Federal de Santa Catarina e pesquisador do CNPq. Doutor em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e Livre Docente em Cultura e Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Contato: [amurabi.oliveira@ufsc.br](mailto:amurabi.oliveira@ufsc.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7856-1196>

2 Professor da Universidade Nacional General Sarmiento e pesquisador do CONICET. Doutor em Ciências Sociais pela Universidade de Buenos Aires (UBA). Contato: [pedro.blois@gmail.com](mailto:pedro.blois@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1724-9630>



**Direito autoral e licença de uso:** Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra, forneça um link para a licença, e indicar se foram feitas alterações.

mais “profissional” e “distanciado”. Orientados pelo que David Bloor chamaria de “princípio de simetria”, esses trabalhos procuraram em geral compreender as diferentes correntes e estilos de trabalho sem julgá-los — evitando fazer do estudo do passado, como foi moeda corrente no passado, um expediente para dirimir disputas do presente e contribuir assim para legitimar determinadas formas de fazer sociologia — e menoscar outras (Blanco, 2006; Blois, 2009; Dayé, 2018).

A maior parte desses estudos adotou uma perspectiva nacional; uma escala que, em rigor, muitas vezes reflete mais adequadamente o desenvolvimento da disciplina em cidades ou regiões particularmente dinâmicas do que abordagens que busquem abarcar de modo integral a sociologia em um determinado país: Buenos Aires na Argentina, o Sudeste — ou mais especificamente o Rio de Janeiro e São Paulo — no Brasil, Santiago no Chile, o Distrito Federal no México, etc. Outros trabalhos deram continuidade a uma tradição consolidada na região, procurando adotar uma perspectiva regional “latino-americana” — que, não obstante, não deixou de reproduzir as assimetrias existentes no conhecimento disponível sobre os diferentes casos nacionais: enquanto os estudos sobre Argentina, Brasil, Chile ou México se multiplicaram nos últimos anos, algumas regiões, como a andina e a centro-americana, permanecem menos exploradas. Seja como for, diferentemente do que ocorria há alguns anos, quem hoje se pergunta pelo desenvolvimento da disciplina na América Latina depara-se com uma ampla gama de pesquisas, debates relativamente consolidados e até um conjunto de obras que se tornaram referências incontornáveis — ou mesmo canônicas.

Não obstante, é necessário enfatizar que houve momentos nos quais a proposta da produção de ciências sociais ou uma sociologia latino-americana estava mais em evidência. Destacamos aqui o momento imediato do pós-guerra, quando em 1950 durante o primeiro congresso da International Sociological Association (ISA), ocorreu a fundação da Associação Latino-Americana de Sociologia (ALAS), possuindo, portanto, um caráter transnacional e, realizando, já em 1951 o seu primeiro congresso em Buenos Aires. Em 1957 ocorreu ainda a fundação da Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (FLACSO) em Santiago e do Centro Latino-Americano

de Pesquisa em Ciências Sociais (CLAPCS) no Rio de Janeiro. Esses movimentos apontam para ações na direção de tentar buscar a construção de alguma unidade e integração nas Ciências Sociais latino-americanas, o que em alguma medida continuou a ser perseguido com o advento em 1967 do Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (CLACSO). Apesar disso, é válido ressaltar que mesmo a concepção de Ciências Sociais varia significativamente em cada país, sendo emblemático o caso brasileiro que cristaliza a partir da segunda metade do século XX uma visão na qual tais ciências se restringiram à Antropologia, à Ciência Política e à Sociologia (Oliveira, 2023), esse distanciamento de concepção mais geral de ciências sociais (em relação aos demais países da América Latina) também implicou uma maior ênfase em revisões mais nacionais sobre o desenvolvimento da sociologia, de modo que autores clássicos da sociologia brasileira se ocuparam de pensar o percurso singular desta ciência nesse país (Cândido, 1959; Fernandes, 1977).

Como seja, alguns aspectos do desenvolvimento da sociologia receberam maior atenção: a evolução das ideias e a reconstrução da trajetória das principais figuras da disciplina; os processos institucionais relacionados à criação de cursos, associações profissionais e institutos de pesquisa; o ensino universitário e escolar; a edição de livros e manuais; a questão da dependência e/ ou extroversão intelectual e os debates ao redor do pós-colonialismo; o impacto do funding no trabalho dos(as) sociólogos(as); a influência do gênero na disciplina. Outros, tais como o desenvolvimento da disciplina como profissão de consulta — isto é, o trabalho dos egressos para além do meio acadêmico — receberam menos atenção. Mas, em conjunto, esses trabalhos exprimem uma diversidade teórica e metodológica que espelha em boa medida tendências internacionais no campo dos estudos sobre a sociologia, marcado pela secular tensão entre as abordagens centradas na reconstrução das ideias e aquelas voltadas para o impacto dos contextos (sociais, políticos, econômicos, institucionais, etc.) sobre a produção intelectual, mas também por um fluido diálogo com as contribuições da sociologia do conhecimento e a história das ideias (Collyer & Manning, 2021; Fleck & Dayé, 2015). As metodologias empregadas são igualmente variadas, abrangendo desde a análise erudita das ideias (como ilustrado de modo emblemático pelo chamado pensamento social

brasileiro) até a exploração de arquivos, o uso de surveys e, mais recentemente, de ferramentas da ciëntometria — úteis para reconstruir redes (de citação, de colaboração, etc.) e estilos de trabalho a partir do exame de grandes bases de dados (Carvalho & Brasil Jr., 2023).

Nessa direção, o dossiê que agora se apresenta reúne um conjunto de artigos que, a partir de diferentes perspectivas nacionais e enfoques analíticos, contribui para aprofundar o conhecimento sobre a sociologia latino-americana. A organização dos textos propõe um percurso analítico que parte das determinações mais amplas — as assimetrias geopolíticas que condicionam a produção de conhecimento — e progressivamente aproxima o foco, examinando as instituições que mediarão essas influências, os intelectuais que as protagonizaram, os artefatos culturais que materializaram o saber sociológico e, por fim, os agentes que hoje ocupam a linha de frente da disciplina. Trata-se, assim, de um movimento que vai do macro ao micro, do passado ao presente, das estruturas aos sujeitos.

A abertura do dossiê com o artigo “Pós-Graduação e Geopolítica do Conhecimento: A Formação de Sociólogos Brasileiros no Exterior durante a Ditadura Militar (1964-1985)”, de Matheus Ribeiro, situa o leitor no plano mais amplo das relações de poder que atravessam o campo científico. A partir de uma base de dados inédita com 176 pesquisadores, o autor reconstrói os fluxos de formação de sociólogos brasileiros no exterior, identificando os países de destino, as fontes de financiamento e os temas de pesquisa predominantes. O trabalho demonstra de forma contundente como, no período de 1964 a 1975, os Estados Unidos — particularmente por meio do apoio contínuo da Fundação Ford — constituíram o principal destino, sendo sucedidos pela França a partir de 1975. Mais do que um mapeamento descritivo, o artigo evidencia como, mesmo com o fortalecimento das agências nacionais de fomento (CAPES e CNPq) e com a implementação do I Plano Nacional de Pós-Graduação, a dependência institucional e simbólica em relação aos centros hegemônicos do Norte Global persistiu. Ao analisar os temas das teses — com destaque para modernização, desenvolvimento e sociologia rural — o autor aponta, de forma indiciária, para a aderência a uma sociologia da modernização, revelando como a geopolítica do conhecimento moldou não apenas os fluxos de

formação, mas também as agendas de pesquisa e a própria estruturação do campo acadêmico brasileiro. O artigo nos convida, assim, a compreender a sociologia nacional como permanentemente tensionada entre dependência e autonomia.

Desse cenário macroestrutural, passamos à escala institucional com o artigo *Recorridos, tradiciones y tensiones de la enseñanza de la sociología en la Universidad Católica Argentina (1959-1984)* de Diego Ezequiel Pereyra. O trabalho examina uma das tradições intelectuais menos conhecidas da sociologia argentina: a sociologia de matriz católica, ou mais precisamente, a sociologia praticada em instituições católicas. Por meio de uma análise articulada nos níveis curricular, de gestão e epistemológico, o autor reconstrói a história do Departamento de Sociologia da Universidade Católica Argentina (UCA), desde sua fundação — fortemente influenciada pelo modelo da sociologia científica de Gino Germani — até seu fechamento na década de 1980. O artigo ilumina as tensões constitutivas entre o projeto de uma sociologia empiricamente orientada, que reivindicava rigor metodológico, e o dogmatismo religioso e a perspectiva humanista de conteúdo normativo defendidos pela hierarquia eclesiástica, personificada na figura do reitor Octavio Derisi. Pereyra analisa ainda o papel da instituição como refúgio e espaço de disputa em meio às convulsões políticas que marcaram o período, especialmente após a intervenção militar nas universidades públicas em 1966, que provocou uma crise interna, a renúncia de docentes como José Enrique Miguens e a migração de estudantes e professores para outras instituições, como a Universidade do Salvador. O trabalho oferece, assim, uma reflexão sobre o papel dos intelectuais católicos e as dualidades constitutivas da profissão — entre o sociólogo como especialista e como intelectual militante — no contexto mais amplo do projeto de uma “nação católica”.

A partir da análise institucional, o dossiê avança para a escala dos agentes e da produção teórica com o artigo *Alain Touraine y Gino Germani: un encuentro oportuno. Sociología y cambio social en los largos años sesenta latinoamericanos*, de Juan Ignacio Trovero. O texto reconstrói, com rigor e sensibilidade histórica, os pontos de contato teórico, acadêmico e institucional entre duas figuras centrais para a sociologia latino-americana.

A partir da análise de documentos, da participação conjunta em congressos (como a Conferência no Instituto Di Tella em 1964, o VI Congresso Mundial de Sociologia em 1966 e o Seminário de Mérida em 1971) e de publicações (como o número especial da revista *Sociologie du Travail* em 1961), Trovero demonstra como Touraine e Germani desenvolveram, de forma simultânea e sinérgica, contribuições fundamentais para a compreensão da mudança social na região. O artigo evidencia como ambos se debruçaram sobre os processos de industrialização, urbanização e mobilização social, forjando conceitos como os de “movimentos nacionais-populares” e refinando categorias analíticas como mobilidade e mobilização social. Mais do que um estudo comparativo, o trabalho é uma contribuição valiosa para a história transnacional das ideias sociológicas, mostrando como o “encontro oportuno” entre um intelectual francês e um ítalo-argentino — ambos em constante trânsito entre o Sul e o Norte — foi profícuo para a renovação disciplinar e para a interpretação das especificidades latino-americanas no contexto dos “longos anos sessenta”.

Da teoria aos seus suportes materiais, o dossiê prossegue com uma contribuição original sobre a materialidade do saber sociológico. O artigo *O que é Sociologia - Coleção Primeiros Passos: uma análise figuracional do livro em diálogo com o autor*, de Marcelo Cigales e Éric Carneiros dos Santos, toma como objeto o célebre livro de introdução à sociologia de Carlos Benedito Martins, publicado em 1982 pela Editora Brasiliense. Mobilizando os conceitos de figuração, sociogênese e psicogênese de Norbert Elias, e dialogando com o próprio autor por meio de entrevista semiestruturada, os pesquisadores analisam as condições sociais de produção da obra no contexto da redemocratização e da expansão do ensino superior brasileiro. O artigo demonstra como o livro, inserido na figuração editorial específica da Coleção Primeiros Passos — que articulava editores como Caio Graco Prado, diagramadores, ilustradores e um público-alvo juvenil — é resultado de uma complexa rede de interdependências. Os autores analisam não apenas o conteúdo textual, que consagra um cânone centrado em Marx, Durkheim e Weber, mas também as imagens e ilustrações que compõem a obra, revelando a divisão social do trabalho intelectual em sua produção. Ao reconstruir a trajetória do autor — de Goiás a São Paulo, da PUC-SP à Universidade de Paris, e finalmente à UnB

—, o artigo evidencia como a obra expressa um equilíbrio de poder entre tradições teóricas concorrentes e responde às exigências de estabilização disciplinar em um momento de institucionalização da sociologia no Brasil, consolidando-se como um dispositivo de rotinização do cânone para sucessivas gerações de estudantes.

Por fim, fechando o dossiê com um olhar para o presente e para o futuro da disciplina, o artigo *Produções Acadêmica e Científica de Jovens Doutores em Sociologia no Brasil*, de Marina Melo, Quemuel Rodrigues, Amurabi Oliveira e Rúbia Nascimento, investiga os fatores que explicam as variações na produtividade de recém-doutores. A partir de uma amostra de 289 currículos Lattes de egressos de 13 programas de pós-graduação que defenderam suas teses entre 2012 e 2014, as autoras constroem um índice sintético de produtividade fundamentado em 18 variáveis, submetido a modelos de regressão linear múltipla. Os resultados indicam que a atuação como parecerista de periódicos científicos e o vínculo institucional como docente são os preditores mais robustos de alta produtividade. Contudo, o estudo evidencia que, embora as médias gerais de produção sejam similares entre gêneros e regiões, persistem assimetrias significativas no acesso aos estratos superiores de publicação (Qualis A): ser homem confere uma vantagem estatística, enquanto ser da região Nordeste implica uma desvantagem. O trabalho demonstra como as métricas de avaliação institucional — forjadas em um contexto de expansão do sistema de pós-graduação — operam hoje como mecanismos de distinção e reprodução de desigualdades em um cenário de retração de recursos e escassez de posições, atualizando, para o presente, a discussão sobre as assimetrias estruturais no campo científico brasileiro. Ao partir da análise dos que chegam — os novos doutores — o artigo nos oferece um diagnóstico preciso dos desafios que se impõem à reprodução do campo e às condições de possibilidade para o exercício do ofício de sociólogo no Brasil contemporâneo.

Em seu conjunto, os artigos aqui reunidos não apenas oferecem um panorama multifacetado do desenvolvimento da sociologia na América Latina, mas também dialogam entre si de forma fecunda. Atravessados por preocupações comuns — a tensão entre dependência e autonomia, o papel das instituições na mediação de influências externas, a importância das

redes intelectuais, a materialidade do conhecimento e as desigualdades que persistem na carreira acadêmica —, os textos compõem uma trama analítica que ilumina diferentes camadas da história e do presente da disciplina. Mais do que um balanço, o dossiê pretende ser uma contribuição para pensar os desafios contemporâneos da sociologia latino-americana, oferecendo ferramentas para que possamos, como sugeria Florestan Fernandes, continuar fazendo uma sociologia “feita no Brasil” (e na América Latina) que seja, ao mesmo tempo, rigorosa, crítica e atenta às nossas especificidades.

## Referências

AZEVEDO, F. A Sociologia na América Latina, e particularmente, no Brasil. *Revista de História*, v. 1, n. 3, p. 339-361, 1950.

BLANCO, A. Razón y modernidad. Gino Germani y la sociología en la Argentina. Buenos Aires: Siglo XXI, 2006.

BLOIS, J. P. Interpretaciones enfrentadas de la historia de la sociología en Argentina. Las lecturas del pasado como disputas del presente. *Argumentos. Revista de Crítica Social*, Buenos Aires, n. 10, p. 1-29, 2009.

BLOIS, J. P.; CENTENO, M. On the State, Potentials, and Current Tensions of the Social Sciences in Latin America. *Global Perspectives*, v. 4, n. 1, 2023.

CÂNDIDO, A. Sociologia. In: *Enciclopédia Delta-Larousse*. Rio de Janeiro: Delta S.A., 1959. p. 2216-2232. (2. ed. 1964, tomo IV, p. 2107-2123).

CARVALHO, L.; BRASIL JR., A. Parochialism and Its Meanings in the Latin American Social Sciences: Experiments with Web of Science and SciELO. *Global Perspectives*, v. 4, n. 1, 2023.

COLLYER, F.; MANNING, B. Writing national histories of sociology: Methods, approaches and visions. *Journal of Sociology*, v. 58, n. 1, 2021.

DAYÉ, C. A Systematic View on the Use of History for Current Debates in Sociology, and on the Potential and Problems of a Historical Epistemology of Sociology. *The American Sociologist*, v. 49, p. 520-547, 2018.

DIÉGUES JÚNIOR, M.; WOOD, B. (Org.). *As ciências sociais na América Latina*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1965.

FLECK, C.; DAYÉ, C. Methodology of the history of the social and behavioral sciences. In: WRIGHT, J. (org.). *International encyclopedia of the social and behavioral sciences*. Amsterdam: Elsevier, 2015. p. 319-325.

FERNANDES, F. A sociologia no Brasil: contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento. Petrópolis: Vozes, 1977.

GERMANI, G. La sociología en América Latina: problemas y perspectiva. Buenos Aires: Eudeba, 1964.

IANNI, O. Sociologia da sociologia na América Latina. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

MAIA, J. M.; PEREYRA, D. La sociología en América Latina. Instituciones, trayectorias biográficas, redes y perspectivas comparadas. Temas Sociológicos, Santiago, n. 35, p. 7-17, 2024.

OLIVEIRA, A. Social Sciences in Brazil: From a Broad Interdisciplinarity to a Restricted Interdisciplinarity. Global Perspectives, v. 4, n. 1, p. 1-16, 2023.

POVIÑA, A. Nueva historia de la sociología latinoamericana. Córdoba: Assandri, 1959.

Recebido em 16/03/2026

Aceito em 16/03/2026

Versão final em 16/03/2026

Publicado em 15/07/2026